



Um passeio pela família patriarcal

Fátima Quintas

A casa-grande serviu de berço à nossa civilização – uma sociedade egressa da cultura açucareira e do monopólio da cana, ambos geradores de um sistema pautado em visões absolutistas, no qual o patriarca avocou para si poderes autoritários e egocêntricos. O Brasil açucareiro se fundou por entre unidades familiares, uma força centrípeta que agregou as variáveis plugadas no universo sociológico colonizador. A família patriarcal foi o eixo fundante, tronco germinal de uma árvore que florescia em sentido côncavo. Por lá transitaram os nossos ancestrais; sussurros e segredos desfilaram entre os ruídos dos corredores da casa-grande. E eu estava lá de alguma maneira; a Sociologia Genética explica os espólios culturais, os inventários que se acumulam semanas sobre semanas, décadas sobre décadas, séculos sobre séculos. Há uma hereditariedade nos testemunhos de nossa narrativa. Muito antes de mim, muito antes, a existência sociológica se creditava nos ascendentes, naqueles que prececeram a minha vivência histórica.

Pois é, meu bisavô fez parte da cena patriarcal: deu ordens do alto do alpendre, vigiou escravos com o seu clarividente binóculo, perscrutou a senzala feita de pau à pique, assistiu à missa na capela – que era uma puxada da casa-grande –, rezou no santuário localizado ao lado

direito de seu quarto, vigiou mulheres, parentes pobres e todos que se enredavam em torno do seu poder. Altivo, porte fidalgo, jeito aristocrático, andou a cavalo pelo canavial, dilatando o mando para outros horizontes.

De posse de tanta sobrançeria, a menina escutava atentamente o que a mãe descrevia; postergava o sono para mais tarde; nunca a intimidaram perguntas indiscretas. Inquieta, indagava: “*Como eram os amores de antigamente? Os namoros, os casamentos, a rotina do dia a dia?*” Nada me foi escondido, a mãe revelava-se em palavras e emoções. A consanguinidade falava alto. A sequência ganhava forma no monólogo materno. Todas as noites, pedaços da genealogia. E o fio da meada ia se construindo.

O patriarca assomava a imponência que lhe era devida. A família patriarcal possuía uma extensa composição, longas mesas retangulares, a acolher agregados, vizinhos, amigos, comadres – ah! as comadres!, tão inseridas no contexto do passado –, e a receber igualmente os filhos legítimos, assim como aqueles nascidos de relações clandestinas. Relações acontecidas dentro de casa, com a mucama, na rede, no alpendre ou nos cantos e recantos mais reservados. A escravidão gerou submissões, fomentou injustiças, aclamou a superioridade de uns e a inferioridade de outros.

Fátima Quintas é escritora e antropóloga da Fundação Gilberto Freyre.

As pulsões sexuais pulularam dentro do sistema familiar patriarcal, não as do leito nupcial, mas as da transgressão, resvalando na prostituição doméstica, consequência da prática escravocrata, que começava no eito e se estendia por todos os lados e por todos os espaços. Ademais, o refúgio familiar orbitava em laços endogâmicos, matrimônios com cheiro de incesto. Os casamentos se davam entre parentes próximos com a intenção de resguardar o nicho étnico e econômico; que os dotes se somassem visando a engrandecer o sistema oligárquico, ou seja, o regime político em que o poder era exercido por um pequeno grupo de pessoas, pertencentes ao mesmo partido, classe ou família. A endogamia efervesceu não somente entre os vivos; os mortos continuaram guiando os vivos, regulando a grade de parentesco do volteio canavieiro.

Mas é necessário começar pelo começo. Por uma infância que não foi almejada, porque a adultização propugnou uma síndrome patológica do patriarcalismo. Meninos e meninas aturados até 6/7 anos, de cachinhos, pele rosada, riso ingênuo, à semelhança do menino Deus, em retratos na parede, enriquecendo a tradição familiar. Depois dos 6/7 anos, *meninos diabos*, prontos para acatar os ensinamentos do imponente massapê. E a cana, com a sua feição fálica, não tergiversou: usou pincéis berrantes, decisivos, singulares.

Após a Primeira Comunhão, rito de passagem que transformava a menina em moça, *sinhá-moça*, iniciava-se a trajetória pela busca do marido, uma vez preparada teologicamente para o matrimônio. A *sinhazinha*, pálida e discreta, devia se ocultar em sua alcova ou camarinha, quarto caracterizado pelo excesso de proteção, sem janelas, situado no centro da casa aos olhos de pessoas mais velhas, verdadeiro claustro conventual. Já afirmava Gilberto Freyre: *“Mais uma prisão que aposento de gente livre. Espécie de quarto de doente grave que precisasse da vigília de todos”*. Casava-se cedo, aos doze, treze, catorze anos. Com filha solteira de quinze anos em casa as preocupações aumentavam e as

promessas a Santo Antônio e a São João avolumavam-se. Aos vinte anos, estava a moça solteirona, submetida à saga da mulher que não se casava, uma saga absolutamente sofrida. Convertia-se em pessoa rechaçada pelo sistema; afinal, o útero significou, no período patriarcal, o grande emblema feminino. Procriar era a ordem do dia – ter filhos para preencher os vazios do processo civilizatório. E o Brasil, com ampla extensão territorial, carecia de gente.

Casavam as *sinhazinhas* com maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos e quase sempre desconhecidos – maridos da conveniência dos pais. Bacharéis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, negociantes portugueses, redondos de tanta gordura, ociosos, suíças enormes, brilhantes no peitilho da camisa, nos punhos e nos dedos. O casamento representava um dos fatos mais expressivos da vida patriarcal. A festa durava seis, sete dias. Um banquete com pompa e ostentação. A “cama dos noivos” era preparada com esmero: fronhas, colchas, lençóis, tudo bordado por mãos de freira. A beleza do enxoval excedia-se em cuidados, de tal maneira que as peças eram expostas no dia do casamento para que todos admirassem o valor estético e monetário. A mesa exibia iguarias de dar água na boca: carne de bois, porcos, perus; bolos, doces de qualidades variadas. Os convivas procediam da circunvizinhança ou até de lugares distantes, tanto que se levantavam barracões na área do engenho para acomodá-los. Danças européias na casa-grande; samba africano no terreiro; negros alforriados em sinal de regozijo. Um espetáculo de franca demonstração de riqueza e prestígio.

Já o garoto, adentrava a pré-adolescência entregando-se ao atoleiro da carne da negra. Enquanto brincava com o moleque, o seu *saco de pancadas*, distraía-se com os animais numa iniciação sexual comum às zonas rurais. Adiante, transmudava-se no *jovem raparegueiro*, algumas vezes com marcas sifilíticas, o que não envergonhava a família patriarcal, pois assim externava no corpo a marca da libido; melhor do que a marca de maricas. A estrutura socioló-



gica do engenho não tolerava homens sexualmente pacatos.

Há um foco norteador em *Casa-Grande & Senzala*: o núcleo sexual. O dismantelo das relações de afinidades e consanguinidades flui e reflui como uma almanjarra estranguladora de um sistema que se quis farto de enlevos libidinosos. No ciclo da cana, a lascívia preponderava, a ponto do cristianismo condescender na sua máxima religiosa, ao adotar um modelo frouxo em princípios, de modo a anular posições extremadas. A religião funcionava como um apoio ou até mesmo como um “estímulo” aos apelos sexuais, uma certa anuência com os intercursos clandestinos. Daí Gilberto Freyre nomear de “*Cristianismo lírico e sensual*” essa acomodação de múltiplas crenças. Houve, por efeito, um claro hibridismo religioso entre as etnias formadoras de nossa sociedade – índios, negros e brancos.

No santuário da casa-grande, repousava não somente um hagiológico católico, mas retratos dos patriarcas mortos, os cachos louros e belos da criança encantada precocemente, feixe de madeixas da senhora falecida em parto quase suicida... Logo, um verdadeiro acervo de possibilidades religiosas e de mistura entre credos. Com a permissão divina, a sexualidade entranhou-se em corpos sedentos de prazer, uma religião quase feita de carne, a inflamar o que a natureza já trazia em excesso. Os impulsos prosperaram nas penumbrosas alcovas; dentro do que há de mais recôndito no lar; às escondidas, evitando que qualquer suspeita viesse a macular o esboço da perfeição consentida. E aplaudida.

As relações familiares da casa-grande eram aparentemente coesas, digo aparentemente, porque o próprio Gilberto Freyre, que as descreveu em detalhe, não se furtou a exibir fatos dissonantes como, por exemplo, o ciúme da sinhá-dona em relação à mucama, sua rival nos jogos sexuais. Ciúme que levava a mulher a agir com truculência quando não raro com desvario: “*Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhás-moças que mandavam arran-*

car os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco”. Essas relações ambivalentes, nas quais a aparência pontificou, envolvida por uma frágil película de disfarce, referendaram as singularidades do patriarcalismo, brioso de mostrar-se harmônico e equilibrado. Gilberto as tratou com o realismo de uma linguagem dura, sem concessões, acusada, em 1933, (ano do lançamento de *Casa-grande & Senzala*) de chula e impura por alguns críticos literários da época. No livro, estão patentes passagens ácidas e apimentadas de trechos de cronistas, documentos cartoriais e inquisitoriais, cartas, diários, manuscritos capazes de elucidar a rotina patriarcal. *Passado que se estuda tocando em nervos*, pleno de incursões na área da sexualidade e das relações sociais. O expressionismo do texto revela o *trauma colonizador*, bem definido na concha do doméstico, lugar onde os recalques afloram com mais virulência; revela igualmente os desacertos de uma sexualidade exacerbada e de uma ideologia vinculada a uma moral dupla: homem *versus* mulher – anomalia reinante em um espectro familiar vitimado por pressões imperativas.

Ao se realçar as relações familiares do patriarcalismo, assuntadas na obra de Gilberto Freyre, vamos encontrar em Nelson Rodrigues, teatrólogo do século XX, voltado para a vida íntima da classe média carioca, um despedaçar dos postigos valores das ligações domésticas, desnudamento da angústia de cada um. O ficcionista parece beber em Freyre o *trauma colonizador* da família patriarcal para, a partir daí, desenvolver a sua visão despida de mordaças sociais. *Eros* – do grego, amor, vida – e *Tanatos* – do grego, morte – em confronto. *Eros*, vinculado a uma sexualidade abafada pelos grilhões das artificiais alianças, pronta para detonar o instinto animal que habita o homem. Entre a pulsão velada e a aparência social, desponta uma máscara que serve de amortecedor ao espelho externo da sociedade. Desejos latentes mortificam o corpo, nele apodrecendo, apodrecendo, apodrecendo... até que um dia as lesões psico-



sala p_reta

lógicas afloram. *Tanatos*, em proximidade com a morte, desfecho do conflito, gesto final de uma família impregnada de refolhos incestuosos e libidinosos.

Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues percorrem cenários historicamente diferentes, mas simultâneos na idéia de convenções sociais mediadoras do conflito familiar. Na verdade, nada é o que parece ser. No âmago, residem proibições que vão putrefazendo-se ao longo de uma

falsa, porém íntima convivência. Há, portanto, um hiato entre a aparência e a essência, algo diabólico, inexoravelmente humano, seguramente freudiano, psicanaliticamente explicado. No momento em que alguém ousa quebrar o modelo exemplar-vitorioso da família angelical, acontece a ruptura com a realidade montada. E as pulsões da carne irrompem numa dimensão proporcional à intensidade da mordaza. Eis um Gilberto e um Nelson em latitudes comuns.

